



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em Xangai**

**Xangai-China, 26 de maio de 2004**

**Locutor:** O presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, vai fazer uma breve introdução sobre a importância da viagem à China. Em seguida, responderá a cinco perguntas da imprensa brasileira e cinco perguntas de não brasileiros. Por favor, Presidente.

**Presidente:** Gostei da breve introdução. Uma breve introdução de meia hora. Bem, quero começar cumprimentando os jornalistas pela árdua semana de trabalho que vocês tiveram e dizer que essa viagem para a China é, na verdade, o coroamento de uma definição de política internacional que nós tomamos antes da campanha e depois da posse.

Vocês acompanharam o trabalho que nós fizemos, primeiro para recuperar o prestígio e a unidade do Mercosul, estreitando a nossa relação com a Argentina, Uruguai e Paraguai.

Depois, vocês acompanharam o trabalho que nós fizemos para trazer toda a América do Sul a participar do Mercosul. No primeiro ano, eu viajei para todos os países da América do Sul.

Depois, vocês acompanharam o trabalho que nós fizemos para que os países da Comunidade Andina também participassem do Mercosul. E eu penso que poucas vezes na história do Brasil foi feito um trabalho de estreitamento da relação de confiança entre os governantes, entre os empresários, entre os ministros, elaborando reuniões de trabalho, envolvendo todos os ministérios, para que não houvesse dúvida de que nós tínhamos certeza da necessidade



da integração da América do Sul para, a partir daí, darmos outros passos para outros países importantes do mundo.

Eu digo a vocês que nós, hoje, temos a melhor relação com a América do Sul do que em qualquer outro momento histórico do Brasil. E ainda falta dar um passo importante, que é o da integração física da América do Sul.

Depois, vocês acompanharam que nós fizemos uma viagem importante para a África, não apenas porque tínhamos uma dívida histórica, mas porque era preciso que o Brasil, como um país de boa relação, estreitasse as suas relações com os países africanos. E pretendemos continuar a viajar para os países africanos, para descobrirmos, nessa relação, como poderemos nos ajudar mutuamente.

Depois, vocês acompanharam a viagem que nós fizemos para o mundo árabe. Não sei se todos compreenderam, mas a viagem que fizemos para o mundo árabe tinha um sentido de muita profundidade histórica, já que a última autoridade brasileira a fazer uma viagem para o Líbano tinha sido o imperador D. Pedro, em 1846. Nós queríamos mostrar a necessidade da integração do mundo árabe com o Brasil e com a América do Sul, e eu acho que nós conseguimos um intento excepcional, não só porque nós aumentamos muito a nossa relação comercial com o mundo árabe, mas porque já há uma decisão da Cúpula do mundo árabe de participar do evento que vamos realizar, possivelmente em fevereiro ou abril. Estão sendo definidas as duas datas do encontro entre todos os presidentes do mundo árabe com os presidentes da América do Sul.

Depois, nós fizemos uma viagem, não menos importante que as outras, para a Índia. Não apenas pelo tamanho da população daquele país, mas pelo potencial e pela possibilidade de políticas complementares que poderemos ter com a Índia.

E nós estamos coroando essa nossa política internacional com essa viagem à China. Essa era uma viagem que nós estávamos trabalhando há



muito tempo, porque entendemos que Brasil e China têm um potencial de política comercial, de complementaridade excepcional. Os dois países estão em via de desenvolvimento, com potencial tecnológico razoável. Veja que, se de um lado os chineses nos ajudam com o lançamento de satélite, porque têm uma tecnologia mais avançada, de outro lado, o Brasil vem para cá construir uma fábrica de aviões. E isso demonstra que a nossa relação não é uma relação apenas de produtos *in natura*, ou seja, o Brasil não é apenas um exportador de produtos *in natura*, o Brasil tem conhecimento para exportar e também para importar conhecimento.

De forma que eu saio da China realizado, enquanto Presidente da República. Eu tenho certeza que os empresários que participaram destes dias, aqui, estão satisfeitos. Eu tenho certeza que todos os ministros que conversaram com seus pares saíram daqui com perspectivas excepcionais. E isso, obviamente, pode ajudar, e muito, para que a gente consiga democratizar o máximo possível as relações comerciais no mundo. Até porque nós não queremos muito, nós queremos apenas uma certa igualdade no tratamento das relações comerciais.

Saio daqui, portanto, com a certeza de que, como aconteceu nos outros países para os quais viajamos, nós vamos aprimorar a nossa relação comercial, a nossa relação política, e eu acho que estaremos, com esta visita, consolidando uma relação que completa, este ano, 30 anos de vida e que nos últimos anos tem avançado muito. No ano passado avançou de forma excepcional e, a partir de agora, nossa opinião é de que pode avançar muito mais.

Eu acho que haverá muito mais investimentos chineses no Brasil, acredito que haverá muito mais empresas brasileiras dispostas a concluir parcerias com empresas chinesas e, portanto, agora nós só temos que ter a paciência que todo bom comerciante tem que ter para aguardarmos os resultados do que plantamos nesta viagem.



Portanto, pelo menos para os jornalistas brasileiros, vocês têm um Presidente que está mais otimista, hoje, do que quando eu cheguei aqui. Saíam com a certeza de que cumprimos bem a tarefa que nos propusemos a cumprir.

Dito isso, me coloco à disposição de vocês, mas antes quero agradecer ao nosso Embaixador pelo trabalho, porque eu acho que os dois embaixadores, tanto o Embaixador da China no Brasil, quanto o nosso Embaixador, aqui, trabalharam muito para que isso acontecesse da forma como aconteceu. E quero agradecer também aos empresários que se dedicaram de forma extraordinariamente positiva para que esses encontros fossem um sucesso.

Quem tem experiência em política internacional sabe que poucas vezes aconteceu uma viagem com a magnitude desta. Vocês acompanharam uma delegação totalmente plural – empresários de todos os setores da economia brasileira, de todos, sem distinção; representantes parlamentares de todos os partidos políticos; governadores de vários partidos políticos – e eu acho que assim nós vamos dando ao Brasil o respeito que o Brasil sempre mereceu ter nas suas relações internacionais.

**Jornalista:** Presidente, na sua palestra de ontem, na Universidade de Pequim, o senhor mencionou a perspectiva de Brasil e China explorarem, juntos, minas de urânio, o setor de urânio, o setor nuclear. O senhor poderia explicar para nós o que vocês têm em mente em relação à exploração conjunta do setor nuclear pelo Brasil e pela China?

**Presidente:** Olha, a questão nuclear, eu acho que vocês receberam uma nota, hoje, do nosso Ministro de Ciência e Tecnologia. Naquela nota está contida a relação Brasil e China no que diz respeito a isso e o que pode acontecer no futuro.



**Jornalista:** Presidente, esse é um assunto que traria uma mudança importante na política brasileira em relação à questão nuclear ou não?

**Presidente:** Este assunto está na nota. Se você ler direitinho vai perceber qual é a posição do Brasil, o que nós esperamos disso. Portanto, qualquer dúvida, depois você conversa com o Ministro, que ele poderá te dar a nota, outra vez.

**Jornalista:** Presidente, no seu discurso, ontem, aos estudantes da Universidade de Pequim, o senhor fez várias menções, por exemplo, ao desequilíbrio da agenda internacional. O senhor disse que a agenda internacional, depois de 11 de setembro, estava mais preocupada, mais voltada para questões de segurança e menos para as questões vitais, como a fome e a miséria.

O senhor também reforçou a posição do Brasil, contrária à guerra no Iraque e ao protecionismo. Veio agora esse noticiário sobre o urânio e, hoje, o senhor fez um discurso onde mencionou que uma possível união com a China pode incomodar muita gente, que muita gente pode torcer contra.

Um ouvido mal intencionado pode enxergar nessas suas palavras um coquetel de provocação aos Estados Unidos, tudo o que está acontecendo aqui na China poderia ganhar um outro peso. Enfim, estou imaginando que pode haver um mal-entendido diplomático.

Existe alguma contraposição, alguma bipolaridade com relação aos Estados Unidos da sua parte?

**Presidente:** Eu espero que esses ouvidos mal-intencionados não sejam os seus. Vamos ter em conta o seguinte: eu me lembro que logo depois, no dia 10 de dezembro, quando eu fui aos Estados Unidos, um jornalista me perguntava sobre a questão da China e eu dizia que depois que o presidente Clinton definiu a China como parceira preferencial para os Estados Unidos, e partindo



do pressuposto de que o que é bom para os Estados Unidos pode ser bom para o Brasil, eu não vejo nenhum problema.

Nós, no Brasil, temos clareza da importância dos Estados Unidos na relação com o nosso país. Eu tenho dado demonstrações de que nós temos consciência da importância dos Estados Unidos na relação conosco. Nós queremos aperfeiçoar essa relação, queremos que ela cresça mais.

Acontece que a nossa relação com o mundo desenvolvido, por já ser muito forte, vai ficando cada vez mais limitada do ponto de vista dos interesses comerciais dos dois países. Nós temos, aproximadamente, 26% de todo o nosso comércio exterior com os Estados Unidos; aproximadamente 26% com a União Européia; e nós temos pouco com outros países.

Então, o que nós queremos é o seguinte: na medida em que nós ainda temos muito o que crescer nas relações com outros países, nós estamos procurando novos espaços para que o Brasil consiga colocar os seus produtos, para que o Brasil possa fazer parcerias, para que o Brasil possa fazer políticas de complementaridades.

Obviamente que eu parto do pressuposto de que quanto mais o Brasil pulverizar a sua relação comercial, mais chances nós teremos de fazer com que a economia dos países ricos se abram cada vez mais para os países em desenvolvimento. Essa é a lógica da nossa política internacional e esteja certa de que nós tratamos a União Européia e os Estados Unidos com o carinho que nós sabemos que eles merecem.

**Jornalista:** (Inaudível)

**Presidente:** Veja, tem muita gente disputando o mercado chinês, tem muita gente disputando o mercado brasileiro. Obviamente que toda vez que você trata de comércio, se alguém descobre que você pode vender 1 bilhão a mais para outro país ou comprar 1 bilhão a mais, as pessoas falam: “Esse 1 bilhão



poderia ser meu. Por que do Brasil?”

Eu acho que sempre vai haver gente querendo que não tenhamos o sucesso que nós queremos ter e nós vamos trabalhar para ter o maior sucesso possível com todos os países.

Nessa questão comercial, nós não fazemos distinção, ou seja, nós queremos vender e comprar o máximo possível com todos os países do mundo. O que nós estamos fazendo é uma coisa que, durante a campanha, eu disse para vocês: eu vou criar uma secretaria especial de comércio exterior, onde o secretário vai ter que ser uma espécie de mascote, ou seja, ele vai ter que ser teimoso e vender os nossos produtos.

Não precisei criar a secretaria, porque o Furlan é o próprio mascote, ele é incansável na tarefa de viajar e tentar vender os produtos brasileiros, além do quê, quem conhece o Celso Amorim, percebe que ele trabalha, como ninguém jamais trabalhou, no sentido de divulgar o nosso país, de fazer com que o nosso país ocupe esse espaço.

Então, essa linha de respeito que nós ganhamos no mundo e essa projeção que ganhamos no mundo comercial, os resultados são mostrados na nossa balança comercial, no nosso superávit comercial. É o resultado de muito esforço. Ninguém compra ou vende porque gosta. As pessoas compram porque nós oferecemos qualidade, oferecemos oportunidade e é isso que nós estamos fazendo com a China e com outros países. Estamos oferecendo aquilo que nós sabemos fazer de melhor e, graças a Deus, os resultados são os melhores possíveis.

No dia 24, vou aos Estados Unidos fazer o mesmo com os empresários de Nova Iorque. Vou tentar estabelecer parcerias, vou tentar mostrar o que nós fizemos de reformas institucionais, vamos mostrar o que é o PPP, ou seja, vou tentar mostrar para os americanos que estamos melhores do que já estivemos em qualquer outro momento para receber os investimentos americanos no Brasil e oxalá eles estejam preparados para receber os nossos produtos



também.

**Jornalista:** Presidente, em vários pronunciamentos que fez, aqui, o senhor destacou a importância do fortalecimento da democracia no mundo.

Eu gostaria de saber como o senhor vê a questão da democracia na China e porque o senhor decidiu apresentar uma avaliação positiva da situação dos Direitos Humanos na China, no Comunicado Conjunto que o senhor assinou com o presidente Hu Jintao.

**Presidente:** Veja, primeiro, porque eu não viajo a um país para fazer julgamento político dos problemas do país. Eu viajo, sobretudo, nesta viagem, para discutir política. Segundo, porque o Brasil tem uma posição definida na ONU, ou seja, o Brasil reconheceu que a China colocou a questão dos Direitos Humanos na Constituição e o Brasil votou favoravelmente à China.

Portanto, esse problema está superado, a ONU discutiu e resolveu o problema para nós.

**Jornalista:** Boa tarde, Presidente. O último resultado do índice de desemprego recorde, chegou a 13,1%, o maior desde 2001, quando houve uma mudança na composição do índice e, hoje, o senhor participou de uma convenção sobre diminuição da pobreza, fome, controle da fome e aqueles mesmos donos de ouvidos malvados talvez possam ter olhos malvados e ver uma contradição entre ir falar no exterior sobre o combate à pobreza e ter esse índice de desemprego. Eu gostaria que o senhor falasse sobre isso e já que estamos nessa divisão de dinheiro, que o senhor também falasse sobre o Imposto de Renda. O senhor prometeu novidades no Imposto de Renda e até agora elas não vieram.

**Presidente:** Deixa eu dizer duas coisas para você: primeiro, eu acho que o





jornalista, depois, pode conversar mais com o Ministro da Fazenda sobre essa questão do emprego. Eu só queria dar um dado, do Caged, que é a relação entre trabalhadores demitidos e trabalhadores admitidos e, portanto, não é uma pesquisa, é um resultado concreto. O dado determina que do dia 1º de janeiro ao dia 1º de abril foram criados, no Brasil, 534 mil novos empregos de carteira profissional assinada. Ou seja, um saldo positivo de 534 mil. Este é o maior saldo positivo desde 1992, portanto, eu estou falando do maior saldo positivo dos últimos 12 anos.

Obviamente que você tem, nos grandes centros urbanos – um programa de televisão mostrou, fartamente, nas últimas semanas – uma contradição entre o crescimento do emprego no interior do país e a falta de emprego nas capitais. É por isso que nós estamos tomando medidas, sobretudo com investimentos massivos em saneamento básico, para que a gente possa resolver uma parte dos problemas nas capitais. E também porque há um aumento da procura de emprego nos grandes centros urbanos e nós vamos ter que fazer muito esforço para que a gente possa ter mais investimento e gerar mais empregos.

Com relação ao Imposto de Renda, nós temos uma demanda de um conjunto de sindicatos no Brasil e o companheiro Palocci está discutindo isso junto com os trabalhadores.

**Jornalista:** Presidente, eu gostaria de saber o que o senhor achou do desvio de recursos do FAT por uma ONG de Brasília, de propriedade do empresário Mauro Dutra.

**Presidente:** Olha, eu não achei, porque não acompanhei isso. No Brasil nós temos ministros, nós temos o Vice-Presidente da República, que estão lá para resolver esse problema. Quando eu voltar para o Brasil e me inteirar de tudo que aconteceu, talvez eu possa te responder essa pergunta com mais precisão



do que eu poderia responder agora.

Para mim a questão é simples, ou seja, se houve desvio de alguma coisa, tem que ser apurado corretamente e, se comprovado o desvio, as pessoas que cometeram o desvio devem ser punidas, apenas isso.

**Jornalista:** E o salário mínimo?

**Presidente:** Quando eu voltar, discuto o salário mínimo.

**Locutor:** Já abri para a imprensa estrangeira, por favor, podem perguntar.

**Jornalista:** Boa tarde, Presidente. Eu queria perguntar qual vai ser o próximo passo concreto e específico que vai tomar a aliança que se chama (...) que lidera Brasil e China, para conseguir mais avanços em sua agenda de comércio exterior e quanto mais podem ceder os países ricos que não estão nesse grupo aí e tem que ser (...)

**Presidente:** Nós temos um outro grande passo importante que será dado no final do ano, com a presença do Presidente da Rússia, que vai ao Brasil. E com a visita do Presidente da Rússia, nós praticamente completamos um ciclo que terá andamento no começo do próximo ano, quando eu farei uma viagem ao Japão, que é um país ao qual eu também dou uma tamanha importância, porque o Japão já teve momentos de uma maior relação econômica com o Brasil e, nos últimos anos, houve uma diminuição.

O ministro Palocci está indo ao Japão a partir de amanhã. Eu, em janeiro, no começo do ano, vou ao Japão. E nós, então, teremos criado o que eu tenho chamado da possibilidade de uma nova geografia comercial do mundo.



Eu aprendi uma coisa que eu tento colocar em prática no governo, ou seja, toda vez que você fica reivindicando ou pedindo muito para seu parceiro fazer concessão, ele só vai fazer se perceber que você tem força política para conseguir aquela concessão.

O que nós estamos querendo construir é uma força política capaz de convencer os países ricos que eles podem flexibilizar nas suas políticas protecionistas para dar acesso ao chamado mundo em desenvolvimento, sobretudo, aos países que têm potencial agrícola. Essa é uma briga. Veja, eu não culpo a União Européia, não culpo os Estados Unidos, eu acho que cada país só age corretamente quando faz o seu jogo em primeiro lugar, cada país tem que defender o seu interesse. É para isso que nós somos eleitos governantes.

Então, eu acho que os Estados Unidos estão certos, eu acho que a Europa está certa. E eu acho que nós estamos certos quando tentamos juntar forças, juntar países com a mesma similaridade, para que a gente possa, nessa disputa, fazer com que haja essa flexibilização. E eu acho que nós estamos conseguindo.

Amanhã eu vou a Guadalajara, no México, onde vai ter uma reunião entre os presidentes da União Européia e os presidentes da América Latina. E eu penso que pode haver flexibilidade na oferta, tanto da União Européia para a América Latina, quanto da América Latina para a União Européia.

Eu acho que isso é extremamente importante, ou seja, são passos que às vezes demoram um ano, demoram cinco anos mas cada milímetro que você conquista pode significar aumento de produção, aumento de vendas no comércio para países pequenos e países mais pobres.

É assim que nós temos que fazer a nossa política internacional. Nós queremos que as economias dos países emergentes cresçam o mais rapidamente possível. E isso pressupõe maior possibilidade de colocar os nossos produtos no mundo desenvolvido. Para isso nós estamos trabalhando.



Não é uma tarefa fácil. É difícil, sobretudo, negociar com gente que tem muita experiência de negociação, como os americanos e os europeus. Eles estão secularmente muito preparados para negociar, são duros na queda. Os meus ministros que negociam sabem o quanto eles são duros na negociação. E nós não vemos isso como uma coisa ruim. Nós não vemos isso como uma coisa contrária ao comportamento dos negociadores, nós vemos isso como uma necessidade de aperfeiçoarmos a nossa metodologia de negociação. E estamos conseguindo.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Veja, o que nós queremos – o Japão já faz parte do G-8 – é que o Japão volte a fazer no Brasil os investimentos que fez há trinta anos. E, por isso nós vamos ao Japão, no começo do ano, com bastante entusiasmo, para aumentar os negócios entre o Brasil e o Japão.

**Jornalista:** A minha pergunta é em relação à decisão recente da China, de diminuir o seu crescimento econômico, reduzindo seus projetos de investimento, porque precisa muito mais de ferro e aço, e como é que isso poderia influenciar as relações comerciais com o Brasil, já que eles vão desacelerar a economia na China.

**Presidente:** Olhe, a China é tão grande e o potencial de compra da China é tão extraordinário que diminuir um pouco o seu crescimento não significa, necessariamente, diminuir o poder de compra de produtos considerados essenciais para o próprio desenvolvimento da China. O que o Brasil está preparando, e é isso que devo dizer aqui para os chineses, é que além do minério de ferro, além da soja, além de outros produtos agrícolas, nós queremos, na verdade, que as nossas empresas exportem tecnologia para a



China e que a China faça investimentos em empresas brasileiras, a exemplo do que a Baosteel está fazendo com a Companhia Vale do Rio Doce.

Nós queremos produzir aviões aqui, nós queremos que a Petrobrás, que é a empresa que tem maior tecnologia de prospecção em profundidade, faça parceria com os chineses e que a gente possa encontrar petróleo por outros mares e por outras terras do Planeta. Nós estamos acreditando que o crescimento pode cair um pouco, aqui, na China, mas certamente não cairá a ponto de influenciar as nossas relações comerciais, até porque nós queremos, cada vez mais, exportar produtos com mais valor agregado. E eu acho que isso pode nos ajudar substancialmente.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Nós temos muitas pretensões. E, muitas vezes, parte das pretensões que nós temos não podem ser faladas previamente, porque senão elas podem não se concretizar. Mas veja, primeiro, eu estou convencido de que a China concorda com grande parte das coisas que nós estamos fazendo, do ponto de vista da política internacional.

Segundo, nós sonhamos em construir um bloco, que seja um bloco econômico, político e social, porque dentro da nossa política externa, a gente visa a questão econômica e a questão comercial, mas também visamos democratizar as instituições multilaterais da ONU como, por exemplo, a própria Nações Unidas. Estamos reivindicando e todo mundo sabe que o Brasil reivindica ser membro permanente do Conselho de Segurança da ONU. No G-3 participam o Brasil, Índia e África do Sul e nós sonhamos que, num futuro bem próximo, seja mais que o G-3, seja o G-5, que esteja a China, que esteja a Rússia. Agora, tudo isso precisa ser trabalhado com muito carinho, política internacional tem que ser trabalhada com carinho, porque uma palavra mal colocada pode criar obstáculo, um gesto mal feito ou um passo dado fora de



hora pode criar problemas. E nós trabalharemos com o cuidado necessário que a política externa exige do Brasil.

Nós temos consciência do que estamos fazendo, sabemos a importância dos passos que o Brasil está dando e eu acho que hoje todo mundo está convencido de que nós precisamos aperfeiçoar, aprimorar, procurar novos parceiros para que a gente possa fazer mais negócios no mundo. E eu acho que a China pensa, nesse aspecto, muito semelhante ao que pensa o Brasil, por isso nós temos muito caminho a percorrer ainda. Vocês são jovens e, certamente, poderão acompanhar essa nova etapa da relação Brasil e China durante muitos anos.

Eu, possivelmente, não tenha a mesma sorte de vocês, porque estou um pouco mais velho, mas vocês haverão de escrever muito sobre isso e, quem sabe, sempre lembrando essa viagem que nós fizemos para a China como um novo marco das nossas relações.

**Locutor:** Vicent São Clemente, da Televisão Espanhola.

**Jornalista:** Presidente, eu fiquei muito impressionado, hoje, pela foto, na sua conferência sobre pobreza com o primeiro-ministro Wen Jiabao e o Banco Mundial. Seguindo minha colega aqui: o senhor está criando um bloco novo para os países em desenvolvimento, para contrabalançar o poder dos Estados Unidos e da União Européia? É essa a verdadeira intenção por trás de tudo isso? Eu fiquei muito impressionado, hoje, com a foto na reunião.

**Presidente:** Olhe, eu tive, possivelmente, a sorte que outros presidentes não tiveram. Eu tomei posse no dia 1º de janeiro de 2003 e, logo em seguida, nós tivemos o Fórum Social, em Porto Alegre. Logo em seguida tivemos Davos e, depois, tivemos um convite especial do presidente Chirac para que pudéssemos, em Evian, fazer parte de um grupo que tinha os 20 maiores



países do mundo. Eram 12 países que se reuniram com o G-8 para discutir política mundial.

Ora, eu era o único naquela reunião que podia colocar o problema social da fome com a dimensão que nós estamos tentando colocar. Eu fui a Davos falar da fome; eu fui a Evian falar da fome; eu fui na abertura da ONU para falar da fome; eu fui a Genebra, me reuni com o presidente Chirac para falar da fome. Estou me encontrando depois de amanhã com o nosso amigo Zapatero, para falar da fome. Estou convocando um grande encontro de presidentes de países para nos reunirmos, no dia 20 de setembro, antes da abertura da Assembléia Geral das Nações Unidas, para falar da fome. E porque eu estou fazendo isso? Porque eu quero transformar a fome num problema político.

O que é um problema político? Enquanto a fome for um problema social, vai ser utilizada para teses acadêmicas. Agora, quando a fome se transformar num problema político, que seja tratado quando estiverem reunidos os grandes países do mundo, as grandes potências, ou quando estiverem reunidos intelectuais, artistas, ministros da fazenda, ministros de planejamento, discutindo a questão da fome e, quando a gente for discutir economia, o assunto estiver na ordem do dia, nós vamos conseguir fazer com que a fome seja tratada com seriedade no mundo.

Lógico que quem tem a obrigação de colocar esse tema na ordem do dia são os países mais pobres. Tem países que já venceram essa situação há 50 anos, há 60 anos, há 80 anos. Nós é que temos a obrigação. Eu não posso esperar que os países ricos tenham pena do Brasil. Eles têm os problemas deles. Eu é que tenho que estar preocupado com os que passam fome no Brasil e, assim, sucessivamente. Por isso é que eu tenho feito questão de participar de todos os fóruns e colocar esse tema na ordem do dia.

É um tema difícil, porque normalmente quem tem fome... Houve um tempo em que eu imaginava, houve um tempo em que nós dizíamos assim: “essa pessoa tem que passar fome para aprender, essa pessoa tem que sofrer



para aprender”. Não é verdade. A fome não leva nenhum ser humano à revolução. A fome leva o ser humano à submissão, a ficar subserviente. Ele fica fraco. Mesmo no Brasil ou em qualquer outro país, as pessoas de mais posse não têm tanta sensibilidade com a questão da fome. Então, qual é o nosso problema? É tentar criar a consciência de que todos podem ajudar, num esforço extraordinário, aqueles que não tiveram oportunidade de ter acesso ao mínimo elementar, que são as refeições diárias.

Então, eu tenho tentado conversar com cada presidente. Foi por isso que, quando encontramos com o presidente Chirac e com o secretário-geral das Nações Unidas, o Koffi Annan, e com o presidente Lagos, em Genebra, nós criamos uma equipe técnica para trabalhar a constituição de um Fundo Mundial de Combate à Fome. Nós não sabemos direito ainda o que é esse Fundo, por exemplo, pode ser uma taxaçoão do dinheiro que está nos paraísos fiscais, pode ser uma taxaçoão sobre o comércio de armas, pode ser outra coisa, ou seja, nós queremos, nessa reunião do dia 20, na ONU, aprofundar um pouco o assunto.

Não pode ser uma política assistencialista apenas, nós temos que acreditar num Fundo capaz de incentivar o desenvolvimento dos países mais pobres. Eu falo isso com muito orgulho, porque o Brasil não precisa participar desse Fundo; o Brasil, embora tenha pobreza, tem recursos para resolver o seu problema.

Agora, tem países que não têm recursos, então, é para esses que nós precisamos fazer o maior esforço e, portanto, criar esses Fundos. Eu espero que, agora, o nosso amigo Zapatero faça parte desse grupo e espero que outros países também.

É apenas uma questão de tempo. Todo mundo tem coração, todo mundo tem um sentido humanitário muito grande, e eu acho que, com o tempo, a gente vai envolvendo todos os governantes a participarem dessa política que é, na minha opinião, o mais grave problema do Planeta hoje, porque essa





política não mata terroristas, não mata soldados. A fome mata inocentes, mata crianças, mata fetos, mata mulheres, ou seja, esse é um trabalho que nós temos que fazer com muita alma, muita garra.

Então, eu tenho que aproveitar o meu mandato. O mandato no Brasil dura apenas 4 anos. Eu tenho que aproveitar o meu mandato para falar da fome em todo lugar que eu puder falar dela, porque se eu não falar, ninguém tem a obrigação de falar, porque não tem um outro governante que passou fome. Se eu não aproveitar esse momento para tentar colocar esse tema, eu acho que dificilmente ele será colocado. Eu sou muito otimista em relação a isso.

**Jornalista:** Senhor Presidente, bem-vindo à China. Uma questão sobre o comércio exterior. No jornal, foi dito que a China agora já é o terceiro maior parceiro comercial, depois dos Estados Unidos e da Argentina. E também saiu nos jornais que o senhor espera que a China vá para a segunda posição em termos de maior parceiro comercial brasileiro para este ano.

O que o senhor acha que pode fazer para levar a China para o segundo lugar e que papel a China pode desempenhar nesse processo para ficar como segundo maior parceiro comercial do Brasil?

**Presidente:** Espero que um dia ela possa até ser a primeira. Olha, o que nós temos que fazer é isso que estamos fazendo. Primeiro, trazer os empresários brasileiros para conhecerem a China, para conhecerem o potencial da China. Depois, convidar os investidores chineses para conhecerem o Brasil.

Nós recebemos, este ano, mais delegações de chineses no Brasil do que nos últimos 20 anos, ou seja, toda semana tem uma delegação de investidores chineses querendo conhecer um ramo de atividade econômica no Brasil.

Então, eu acho que essa política, de fazer com que as nossas pessoas



venham para cá e que os chineses vão ao Brasil, é o que vai permitir que a gente consiga fazer com que a nossa relação comercial melhore substancialmente. E acho que isso vai acontecer, porque o entusiasmo com que estão os nossos empresários, o entusiasmo com que está o governo chinês e o governo brasileiro, é uma demonstração de que isso só pode dar certo.

Eu estou esperançoso de que a gente terá, nos próximos anos, uma relação comercial muito mais forte do que a que nós temos hoje. Estarei trabalhando para isso e, quando deixar de ser governo, estarei torcendo para que isso aconteça.

**Locutor:** Eu queria agradecer a todos, ao Presidente, aos colegas. Bom almoço.